

# OS RIDÍCULOS



**AGARRA ZÉ!**

**NÃO SERÁ PESADA  
DEMAIS?**



**ASSIM NÃO  
BRINCO!...**



# ORA CONTE-NOS... ONDE VAI GASTAR O SEU SUBSÍDIO DE FÉRIAS?

**DONA DE CASA**  
SE EU TIVESSE  
DISSO ERA PAGAR  
AO SACACANA DO  
MERCEIRO QUE  
JÁ NÃO ME FIA NADA  
!!

**JORNALISTA**  
VOU FAZER UNAS  
NOVELAS ERÓTICAS  
PARA VER SE  
GANHO ALGUM!

**CAPITALISTA**  
O DE DIRECTOR  
GERAL DOU-O À  
MINHA SECRETARIA  
OS DOS OUTROS CARROS  
DAO PARA FAZER UM  
CRUZEIRO ATE AO RIO!

**CAMPONÊS**  
VOU FAZER UMA  
"CUPRATIVA" COM  
A MINHA  
BALBINA!...

**DADEIRO**  
A FAZER MAIS  
ALGUMAS FROSCAS!..



# UM JUÍZ DOS DIABOS

É, afinal, uma linda mulher, este juiz que tem dado um brado dos diabos em Los Angeles, na Califórnia. De seu nome Noel Camon, com 48 anos de idade (muito bem conservado, ao que nos mostram as fotografias publicadas pelos jornais), o juiz terá, portanto, um defeito que a fez descair no conceito oficial e público: ser um autêntico canhão (de grosso calibre) em grosserias... das grossas! Isto, no dizer dos seus oponentes que a acusam de ter chamado, a um polícia, que a admoestou por uso indevido da busina do seu automóvel, nada mais nada menos que "filho de uma cadela" — o que, na América, equivale ao nosso popular "filho de uma p..." — depois de o ter mandado para o inferno. Muito embora a maior ofensa fosse "pelas costas" — falando para um miirinho, no tribunal — e tivesse ainda acrescentado que lhe cortaria os testículos com revólver de calibre 38

Tudo isto terá sido demasiado, para além das outras acusações oficiais que falam do juiz usar reduziadas mini-saias no desempenho das suas funções e der ao colo o seu "lulu", durante as audiências, enquanto a seus pés chilreava um daqueles "canários mecânicos" com gravação em fita magnética. Para provar todas estas e outras acusações, foi nomeada uma comissão especial que se propõe conseguir os seus fins: destituir a "desbragada" Noel das suas funções. Quanto àqueles que a defendem (entre os quais se conta um chefe de Polícia, não sabemos se por medo de lhe acontecer alguma coisa às suas mais sensíveis partes anatómicas...), é tudo apenas uma questão do acusado juiz feminino não consentir que certos jovens advogados lhe passem por cima (judicialmente falando) nem se condoer de certa espécie

de fendidos, como é habitual suceder com outros magistrados... machos!

Para nós — longe dos factos em si — temos para nós que, talvez os defensores da "ré" tenham uma boa dose de razão... Certa rapiada (de várias profissões) não tolera

que não lhes consintam e apoiem certas defesas e, muito menos, que se negue benevolência a certa espécie de actos abrangidos por qualquer lei mas, quantas vezes, benevolmente olhados (e, até, perdoados) por magistrados acessíveis e benevolentes...

E, além disso, para lá do sorriso que (fotograficamente) nos põe um bom bocado por si (somos homens... e fracos, ante um sorriso de mulher bonita), achamos que a senhora Noel Camon é, além disso, corajosa. Mesmo pelas costas, diz que capa um polícia e

chamar-lhe o que ela lhe chamou, depois de o ter mandado (directamente para o inferno, além de outros "mimos" de menor impacto...), não é para qualquer mulher — nem para qualquer magistrado!

Repórter Xispas





# Crônicas Medievais

## A ROMANZA DA GAIVOTA

D. BRIOLANJA  
— Uma gaivota voava voava...  
ALDEGUNDES  
— Estaide hoje muito contente, mamã! Haveis visto passarinho novo?  
D. BRIOLANJA  
— Ficaide sabendo que gaivota não é passarinho. Deixaide-me cantar. E não vos esqueçades que quem canta seu mal espanta...  
ALDEGUNDES  
— Pois quê? Acaso tendes males para espantar?  
D. BRIOLANJA  
— E não são poucos! Não haveis ouvido o vosso real progenitor?  
ALDEGUNDES  
— Bem sabeides que o papá sempre gostou muito de dizer coisas. Não sei porquê lembra-me a irmã Georgina...  
D. BRIOLANJA  
— Pois o mal é esse! É que quando ele se lembra de ter qualquer ideia, ficamos logo a tremer sem saber o que irá sair dali...  
ALDEGUNDES  
D. BRIOLANJA  
— Talvez não seja nada de mau...  
ALDEGUNDES  
— Uma gaivota voava voava... E o rato do bicho nunca se cansava...  
ALDEGUNDES  
— Que endecha tão romântica, mamã! Onde a haveis aprendido?  
D. BRIOLANJA  
— Por minha fé que tendes andado aluada, minha estremosa filha! Não sabeides que a trova da gaivota nestes tempos que vivemos parece uma espécie de pneumónica?  
ALDEGUNDES  
— Sim, agora que faleidis nisto, pareci-me ter já ouvido...  
EL-REI  
— Deus vos salve, senhoras! Somos livres, somos livres, e ninguém nos vai lixar!  
D. BRIOLANJA  
— Vedes, minha filha? Até a seníssima magestade de vosso real progenitor se embala nas estrofas da gaivota...  
EL-REI  
— Ficaide sabendo que eu sempre acreditei nos mais altos valores espirituais do nosso povo! E é por isso que as estrofas da Gaivota encontram eco na solidão dos nossos destinos... — conheceis bem todas as rimas desta endecha?  
D. BRIOLANJA  
Tenho ouvido as nossas aias cantarolarem; mas confesso que ainda só consegui aprender esta parte! — Uma gaivota voava, voava...

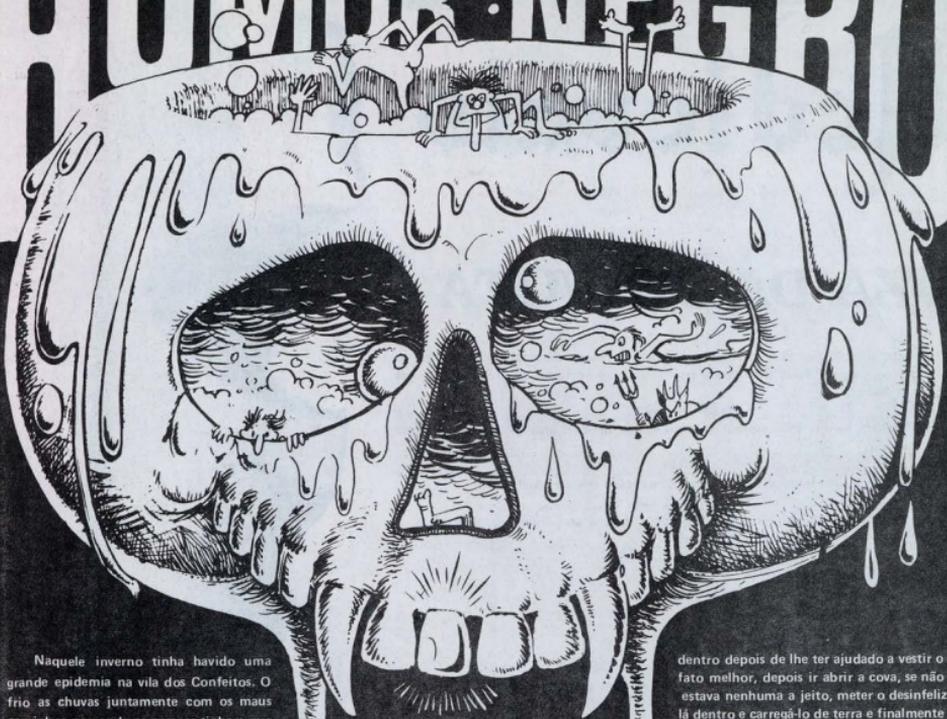


## A ROMANZA DA GAIVOTA

EL-REI  
— Pois ficaide sabendo que já encarreguei um trovador destes reinos de me completar as estrofas que se perdem durante a viagem na nau que do nosso antigo reino trouxe essa romântica endecha...  
D. BRIOLANJA  
— Dizeide, dizeide, senhor meu esposo! Que muito me apraz quando faço as lides da casa entoar essa trova...  
EL-REI  
— Então aguardaide uma lasquinha que prestes o mandarei chamar, Aia! Serva!  
D. BRIOLANJA  
— Tereides de falar mais alto porque a nossa actual dona a dias é um bocadinho dura de ouvido...  
EL-REI  
— Aia! Ó sua cabronal!  
ALDEGUNDES  
— Credo papá, que línguajar plebeu!  
AIA  
— Haveis-me solicitado, senhor D. Tomazio?  
EL-REI  
— Certo é, minha boa dona. Ide procurar aquele trovador que estava há pouco lá fora...  
AIA  
— Um cobrado? Que não se demora?  
D. BRIOLANJA  
— Já vos hei dito que faleidis mais alto, senhor meu esposo!  
EL-REI  
— Não me faleidis em cobradores, aia! AIA! IDE BUSCAR O TROVADOR! TROVADOR!  
AIA  
— Não precizaides de gritar, meu senhor! Bem claro vou ouvi! Quereides o trovador? Então haveis de pedir-lhe que nos cante aquelas trovas da gaivota...  
EL-REI  
— A isso vem, a isso vem!  
AIA  
— Por certo que canta bem! Eu vou buscá-lo, meu senhor!  
EL-REI  
— Onde haveis descoberto esta dona a dias? Nalgum asilo de surdos?  
D. BRIOLANJA  
— E por muito feliz me dou por a ter achado. E dona muito alegre e de boa disposição, e só ganha vinte e nove maravedis à hora...  
AIA  
— Meu senhor aqui tendes o menestrel!

cont. na pág. 15

# BOM TOM: NEGRO



Naquele inverno tinha havido uma grande epidemia na vila dos Confeitos. O frio as chuvas juntamente com os maus caminhos por onde as pessoas tinham que andar e molhar-se até aos tornozelos juntamente com a praga de micróbios vindos sabe lá de onde, tinham feito uma razião nos velhotes da terra que tinha sido um louvar a Deus.

A vila dos Confeitos orgulhava-se de possuir um Centro Recreativo União Musical Desportivo Dramático O BOM TOM, mas para o desenrolar dessa triste narrativa o Centro Recreativo União Musical Desportivo Dramático O BOM TOM encontrava-se nessa altura encerrado.

E encontrava-se encerrado porque quem exercia as funções de contínuo e encarregado geral das funções era o ti Alfredo, que gananciosamente aliava os seus proventos em vários empregos: De dia exercendo o laborioso mister de cozeiro (horário do cemitério das dez da manhã às cinco da tarde excepto ao domingo em que funcionava como sacristão das sete às dez da manhã) e à noite como contínuo do Centro Recreativo União Musical Desportivo Dramático O BOM TOM, onde era também o encarregado do bar e dono dos baralhos de cartas que serviam à busca lam-

bida dos sócios caturras.

Ora mas dizia eu que naquele inverno tinha havido na Vila dos Confeitos uma grande epidemia. Morreu gente que foi um vê se te avias. A ponto do ti Alfredo ter o seu horário todo transformado porque mal tinha tempo para dar assistência aos funerais. Sim porque o ti Alfredo que era por assim dizer um latifundiário dos empregos da Vila dos Confeitos, tinha também a seu cargo o ofício de cangalheiro e no baração da sua casa algumas dezenas de caixões de vários tamanhos e feitos que fornecia às famílias dos defuntos quando estes se viam na dura necessidade de encaxotar os seus entes queridos.

E nesses dias geralmente o ti Alfredo tinha trabalho a rodos: desde o ter que ajudar à missa de corpo presente até preparar o caixão para o morto e metê-lo lá

dentro depois de lhe ter ajudado a vestir o fato melhor, depois ir abrir a cova, se não estava nenhuma a jeito, meter o desafortunado lá dentro e carregá-lo de terra e finalmente vir para a sede do Centro Recreativo União Musical Desportivo Dramático O BOM TOM fazer companhia aos acompanhantes que tendo já perdido uma jorna com o funeral e como o Clube era como se disse Dramático aproveitavam para ir matar as mágoas nos copitos em companhia.

Mas naquele inverno, dizia eu, tinha havido uma grande epidemia na Vila dos Confeitos.

E morreu gente que era um nunca mais acabar. Foi uma razião nos velhos e nas velhas, de mistura com alguns assim assim e meia duzia de cachopos.

O ti Alfredo trabalhou que se fartou, e em certa altura coitado também adoeceu.

Mas era de rija tempera o ti Alfredo. Ficou de cama quinze dias, e a gente da Vila dos Confeitos a quem iam morrendo pessoas de família, via-se aflita para arrumar os mortos: então é que deram valor ao valioso trabalho do ti Alfredo! E o ti Alfredo sem se poder levantar da cama!

cont. na pág. 10

# PA RECE IMPOSSIVEL

Pois de cada vez que eu digo isto vocês têm a mania de não acreditar e ficam a pensar que é exagero da minha parte mas se vocês tivessem miolos em vez de minhocas já tinham percebido que as coisas não são como se pensam até porque a maior parte das pessoas nem têm tempo para pensar e se pensam a verdade é que pensam

mais com a minhoca do que com os miolos por isso quando chega a altura de verem como as coisas são ou estão de coisas e não vêem ou então estão a dormir ou a cantar a gaivota que é uma música nova que há agora e que é mais conhecida do que o peixe frito até porque o peixe frito é uma coisa que vai desaparecendo do mapa e

eu acho que ele desaparece porque não está disposto a ficar sozinho no alguidar porque isto de morfos está tudo a subir de posto, antigamente o chicharro era comida para o gato agora quem me dera ser gato para comer chicharro e o bacalhau que era o fiel amigo fez como muitos fieis amigos que a gente tinha e que acabaram por se tor-

nar nuns sacaninhas da pior espécie porque não estiveram para chatices e é por isso que eu digo que as coisas não são como as pessoas pensam mesmo que pensem só com a minhoca e isto a propósito de minhoca faz-me lembrar que tenho que ir ali ao caxidré comprar um pacotinho delas porque a minha Felismina já me disse que eu sou a última esperança dela ver peixe ao pé porque o outro que havia parece que agora já só aparece nas ourivesarias e parece que é por isso que agora as casas de prego já meteram também além dos cofres arcas frigoríficas e quando a gente tiver uma pescada do alto e não tenha fanfas vai lá e diz que já há duas ou três das mais conceituadas que aceitam a pescada do alto para penhor dumas coroas mas isso é uma chatice porque as fanfas que um gajo o tal

gajo que tenha a pescada resto é para comprar o resto das coisas e fica logo a lamber os beiços a pensar no azeite e nos grões e nas batatas e nos feijões patarecos e tudo mas depois o chato é que o gajo do prego para dar as fanfas para isso fica lá com a pescada e o desgraçadinho só fica com os acessórios e é por isso que eu digo que as coisas não são o que parecem e por isso eu tenho é que ir buscar as minhocas e ir ali para o Terreiro do Paço ver se apanho um besugo qualquer porque senão a minha Felismina chateia-se e depois diz aquilo que já uma vez me disse quando eu lhe prometi uma coisa e depois bom vocês percebem e ela disse-me que eu nem sequer minhoca tinha e para que é que eu andava sempre a dizer que ia à pesca e isto é uma gaivota. Quero dizer uma minhoca.

## Ó VER Â LISTA

— “Tás bom, ó Manel?”  
— “Não! Estou beral!”  
— “Por causa da lista?”  
— “Também tu? Qual lista?”

### UM DIÁLOGO DE IR À SERRA...

— “Aquele que a Fernanda diz que tu tinhas...”  
— “A Fernanda, a Fernanda... Eu não tenho...”  
— “Não tens?” Ela de facto diz que...  
— “O que ela diz não se escreve!”  
— “Mas ela escreveu... Um ‘bilhete saloio’, por acaso!...”  
— “Não me diz respeito!”  
— “Não te diz respeito? Com fotografia e tudo?”  
— “Não sou...”  
— “Não?” Olha que és mesmo, Manel...  
— “Vá que seja...”  
Mas, não tenho nada com essa tal lista...  
— “Dos jornalistas...?”

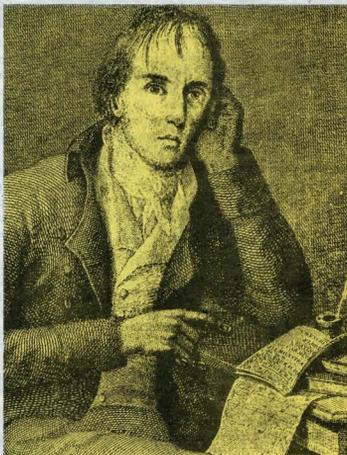
— “Sim, disso...”  
— “Que comiam favas pela porta do cavalo do ‘S.N.I.’?”  
— “‘SNI’ OU NÃO ‘SNI’...”  
— “Éis a questão?”  
— “A questão é outra... Ela julga que...”  
— “Ela não julga, diz, Manel!”  
— “Ela pensa...”  
— “Ela não pensa afirmam, Manel!”  
— “Sim, até afirma”  
— “Que ‘saiste’ em 1973 e não em Abril de 1975!”  
— “Isso é...”  
— “Ela diz que é verdade...”  
— “É a verdade dela... E, não chateis mais, sim”  
— “Ó Manel não vás a Serra... Não vale a pena, por coisa tão pequena!”  
— “Tão pequena?!”  
— “Achas?”  
— “A lista, não sei... se ma mostrasses...”  
— “Eu já te disse...”  
— “Já não a tens... Perdeste-a ou quê?”  
— “Quê?!” Quê o quê? Tira-te da minha frente,

deixa-me...”  
— “Pronto, já estou tirado...” “Mas, se encontrares a lista não te esqueças de mostrar isso...” A gente gostava de ver, pá... Era giro...”  
— “Giro?!” Gira, gira...”  
— “Eu vou, Manel, eu vou... Mas, vê lá da lista, sim?...”



— OH, MÃEZINHA... SE CONTINUAS ASSIM A ARRUMAR A CASA DESTA MANEIRA, AINDA ÉS CONVIDADA PARA O GOVERNO PROVISÓRIO!...

# À MORTE DE UMA ALCOVITEIRA



**G**ÊNIO só dado a sórdidas torpezas,  
Que usas comprar na imunda Cotovia  
Chochos agrados da venais belezas;  
Sóto o cabelo, as carnes arrepias,  
Na morte desta ilustre receveira,  
E inspira-me trístissima elegia.

Ah! Que há-de ser de vós, gem de malta!  
Eu vejo em vossas faces o desgosto,  
E a dor que os corações vos sensibilta!  
Morreu a vossa mãe, o vossoncosto,  
Que vos ganhava o pão honradamente,  
Inda que com suor do vosstro ros!

Conhecia os tufafú já pela malha:  
Ela vos apartava dos sovinas,  
Para aqueles que dão maior medalha,  
Chustadas de dinheiro e de tofina,  
Por todas repartindo esta pendanga,  
Ela era o vosso bem e as vossas minas,  
Co'os homens depravados tinha zangas,  
Gostava da modestia e da virtude,  
Dos que dão a bejar cordão e mangas.

Se a mandavam beber era um almuêdo,  
E às vezes não parava até que a boca  
Se lhe punhas mais grossa de que grude,  
A que a buscava, e que não era louca,  
A recolhia em casa, e pela mamã  
Apenas lhe levava coisa pouca.

Sempre de todas dava bom fama,  
De fregueses lhe armava quantidade,  
Té as pôr sobre si com casa e cama,  
Nos ganhos levou nunca metade:  
Qualquer coisa aceitava, porque pensa  
Que o mais era faltar à caridade.

Dotada foi de caridade imensa:  
Sempre ao lado se achou da sua amiga,  
No tempo da saúde e de doença,  
Aquela moça gordíssima o diga:  
Ela pode pintar mais vivos quadros  
Desta estímel, desta amante ligã.

No tempo em que ela andou vagando os adros,  
Mil vezes lhe curou co'os seus inventos  
Cruéis camadas de pilhões ladros,  
Ela mesma co'os dedos fedorentos,  
Cheia de amor, de caridade cheia,  
Lhe ministrava os fétidos urgentos.

A frouxa luz da trémula candeia,  
Que tem no chamejar seus intervalos,  
As chagas cura, a porquidade assa,  
De alvissima pomada untando os calos,  
As partes amacia, que mordera  
O dente de ardentíssimos cavalos.

Já no seu trajar luxu tivera,  
Nem na sua cabeça houve polvíolos,  
Depois que seu marido lhe morrera,  
Foi a primeira em dar ensino aos filhos:  
Procurar este trilha verdadeiro  
Vós, o pais, que seguis d'frentes-trilhos.

Uma filha que Deus lhe deu primeiro,  
Arrimada a deixou com loja aberta:  
Teve um filho que foi alcoviteiro.

Ela, pais de famílias, olho alerta,  
Se queres vossos filhos empregados,  
Tende século bom, e a moça certa,  
Dispôs da sua terga que, tirados  
Os gastos funerais que lhe fariam  
Os devotos tímidos, gastos-pingados,  
Os seus testamentários comprariam  
Uma casa d'alcauce erigiam.

Que haveriam novicas e regente,  
Proveu logo este cargo na coveira  
Por ser mais respeitosa e mais prudente;  
A Santarena fica tesoureira,  
Chamou para escrivã Indácia China,  
Felicita de Chaté madre rodeira.

Ninguém melhor que os seus virtens destina,  
Porque, para solteiras e casadas,  
Vejam que seminário de doutrina!  
Entre as últimas vozes, já truncadas,  
Chamando a filha com afago e rogo,  
Ficaram entre os braços enlacadas.

"A mecha (lhe diz ela) junto ao fogo  
É fácil de pegar..." a adiante,  
Porém não disse mais, que morreu logo,  
De palidez cobriu-se-lhe o semblante,  
Ouviram-se ao redor gritos imensos

Da turba feminal, pouco constante,  
Ternos suspiros pelos ares densos  
Vão abraçar seu o cadáver frio,  
Cobrem-se os olhos de engoramentos  
Cortou a Parca desta vida o fio,  
O espírito nu, da carne destado,  
Lá vai cruzando o lutulento rio.

O dia com razão amargurado!  
Enquanto nos lembrare tão triste imagem,  
Sempre sard's dos bons tufafus chorado,  
Cobrir tu viste com pesada lagem  
Aquela que nos fez o benéfico  
De nos dar uma casa d'estalagem.

Ninguém soube melhor do seu ofício,  
Nem se achara tão destra alcoviteira  
Comenta com trinta anos d'exercício,  
E vós, mulheres, que gastais d'asneira,  
Horrai as suãs cinzas, os seus ossos,  
E respeitai-lhe a fúnebra coveira.

A morte dá nos vilhos e nos moços;  
Ninguém se escapa da carança feia,  
Depois de preso em seus calabres grossos,  
Conservai pois esta fatal ideia,  
E rodando o corpo desidioso,  
Acendei cada qual uma candeia.

E fazei-lhe um sepulcro aparatoso.



## BOCAGE

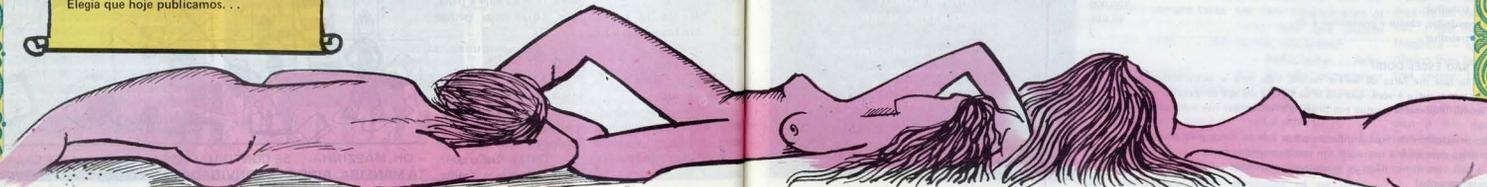
A obra satírica de Bocage abrangue toda a gama da vida lisboeta da sua época. E uma das mais características figuras de então era a velha alcoviteira, arranjadora de "arranjos" em intensa atividade que ia desde o romântico aproximar de tímidos apaixonados, até aos "sábios" ensinamentos a virgens e semi-irgens destinadas a lucrativas carreiras na vida mundana. Quando uma dessas célebres alcoviteiras morreu, Bocage dedicou-lhe a sua famosa Elegia que hoje publicamos...

Honrada e a mais sabida alcoviteira  
A ti consagro este cipreste umbroso,  
Com que te engramo a esqualida caveira;  
Enquanto pelo rio pantanoso  
A ouvir te leva o páldio Caronte  
Severas leis de Mimos rogoso.

Alçando para o ar a cresta fronte,  
Os ouvidos estende às vozes miúdas,  
Quando no mundo os teus louvores conte,  
Vós, moças do Bairro Alto e Fontainhas  
Vós testemunhas sois da grande falta  
Que chorando contaís entre as vizinhas.

Nem mais vereis, entre a mana gente,  
Daquela honrada boca o grato,  
Que descobriu um solitário de  
Morreu a discrição, foi-se o zo,  
Vós o sabeis: melhor que estava  
Ninguém fez um recado do bravo.

Embralhada na capa ao vós chava,  
Ela comprar-vosia, caridosoa,  
As pinjas, os melões, a péra, e a,  
Vendo qualquer de vós trchorosa,  
Ela desassossega, ela trabalha  
Por livrar-vos da pena lamentosa.





# HUMOR NEGRO

cont. da pág. 6

Como solução de momento e como esperavam que o ti Alfredo melhorasse depressa — ele todos os dias prometia levantar-se no dia seguinte — quando morreu a ti Ana da Esquina, os filhos decidiram levá-la, para ganhar tempo, para o Centro Recreativo União Musical Desportivo Dramático O BOM TOM, primeiro porque era ali que estavam as caixões, e depois porque ali é que eram os domínios do ti Alfredo e ele depois quando se levantasse tratava do funeral.

No primeiro dia ainda ali fizeram um velatório e depois como os dias iam passando sem que o ti Alfredo melhorasse, os sobrinhos decidiram meter a velha num dos caixões e foram às suas vidas.

Dois dias depois morreram mais duas velhas e um alejandinho. Três dias depois mo-

ria um cachopo e em estrita solidariedade com os antecedentes esticava também o pernil o Jaquim Aldrabão que trabalhava uma vez por ano quando estava tão bêbedo que não podia ser responsabilizado pelos seus erros.

E lá foram todos ficando encaixotados nos caixões que o ti Alfredo tinha guardados no barracão do Centro Recreativo União Musical Desportivo Dramático O BOM TOM. Dizem alguns observadores imparciais que quando morreu o Jaquim Aldrabão, nem se preocuparam em metê-lo num caixão: Como ele tinha morrido bastante encolhido aproveitaram a posição para o deixarem sentado numa cadeira, até porque já não havia mais caixões disponíveis.

A verdade é que ao fim duma semana o barracão que servia de arrecadação aos tras-

tes do Centro Recreativo União Musical Desportivo Dramático O BOM TOM tinha já uma aura de perfume que dificilmente se poderia classificar de agradável: mas como também por lá havia uns cascos de vinho abafado as pessoas quase nem davam por isso.

Finalmente o ti Alfredo melhorou e mesmo ainda fraco levantou-se e pegou ao serviço nos seus diversos empregos: era um domingo e ele lá foi a cambalejar ajudar à missa, e deu uma volta pelo cemitério para abrir umas covas.

À tardinha veio até ao Centro Recreativo União Musical Desportivo Dramático O BOM TOM, onde já sabia que tinha trabalho para um ou dois serões...

Mas nesse domingo era o dia da festa mensal do Centro Recreativo União Musical

Desportivo Dramático O BOM TOM, e o ti Alfredo teve que vir abrir a sala do baile aos sócios que queriam divertir-se e esquecer as agruras da recente epidemia, e aos músicos que iam abrihantiar o baile até às duas da manhã.

E como o ti Alfredo era uma pessoa conscienciosa deixou os lá a divertir-se e foi para a arrecadação arrumar os mortos para tratar no outro dia de os enterrar, porque eles já cheiravam mal como burro.

Quando chegou a altura de Jaquim Aldrabão o ti Alfredo viu-se aflito. Primeiro porque ele estava todo torto. Depois porque já não tinha caixão disponível para o ter. Por isso acabou por metê-lo no saco de linhagem, até ver.

Lá dentro na sala ia uma alegria desusada, porque as pessoas estavam a tirar a barreguinha de misérias de mais de um mês sem folia. E a certa altura decidiram fazer um leilão de prenda que tinham reunido para dar uma gratificação ao ti Alfredo, coitado que se tinha sacrificado a vir trabalhar no mesmo dia que se tinha levantado da cama.

Leilouam um galo, um foliar e duas perdes. E como a mais valiosa prenda foi lei-

loada a magnánima oferta do senhor João da Loja, que era um fardo inteiro de bacalhau do grande.

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três! — berrou o leiloeiro! O fardo de bacalhau de primeira que foi oferecido pelo senhor João da Loja vai para a senhora Mariquinhas do Lagar!

E num berro lá para dentro — O ti Alfredo! Ti Alfredo! Há-de levar esse fardo de bacalhau a casa da senhora Mariquinhas do Lagar!

O ti Alfredo encolheu os ombros. Aquela gente não devia regular bem da pinha! Bom, mas se calhar teriam resolvido fazer-lhes o funeral...

Na manhã seguinte o ti Alfredo entregou na casa da senhora Mariquinhas do Lagar, dentro de um saco de linhagem e mais empenado do que nunca, o cadáver mal cheiroso e mais empenado do que nunca do Jaquim Aldrabão...



## BATALHA DA PRODUÇÃO

Confesso que me custava aumentar o ritmo de um trabalho que me deixava arrasado e sem forças sequer para comer uma sardinha na Feira Popular quando fui atingido, nos queixos, com esta da Batalha da Produção.

Pois quê? Bulir mais? Chça!

E, vai daí, fui ao Instituto Nacional de Estatística ver a razão da necessidade de trabalhar mais. Fiquei espantado. Quem trabalha, realmente, neste País?

Vejam:

A população portuguesa é de .....	10.000.000
O número de pessoas com mais de 65 anos é de .....	3.000.000
Restam para trabalhar .....	7.000.000
O número de pessoas com menos de 14 anos é de .....	4.000.000
Restam para trabalhar .....	3.000.000
Os fiscais que servem para ver se os outros trabalham são .....	1.000.000
Restam para trabalhar .....	2.000.000
Os intermediários são na ordem de .....	850.000
Restam para trabalhar .....	1.150.000
O número de desempregados é de .....	250.000
Restam para trabalhar .....	900.000
O número de hospitalizados, alienados, vagabundos, cauteleiros, directores-gerais, oportunistas e profissões similares .....	800.000
Restam para trabalhar .....	100.000
O número de mandriões, chulos e proxenetas é de .....	99.998
Restam para trabalhar .....	2

### E QUEM SÃO ESSES DOIS?

Um sou eu que me farto de mexer de um lado para o outro inclusivamente em trabalhos com este e outro é você, que me lê ao fim de um dia de trabalho insano.

Isto é muito importante porque nos prova que temos que nos redobrar em energia e determinação.

E muito principalmente você porque se pensa que eu estou para arcar com o trabalho do país inteiro deve estar a necessitar um internamento urgente.

E fica o país com menor nível de produtividade mundial.

Esforce-se, caramba!



O MAIS ANTIGO  
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR  
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE  
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração, composição  
e distribuição

R. Conde Redondo n.º 12-2.º LISBOA  
Tel. 5.38585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do  
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.



tes" já os havia muito antes de "monsieur Lafontaine... Este limitou-se, simples e inteligentemente, a transmitir as suas falas (dos animais, claro...) em histórias para crianças - pois, para adultos, também já as histórias de animais - mais ou menos (bem ou mal) falantes - vinham de longe... E continuam! Mas, vamos à conversa com a nossa galinha (não nos vemos livres dela...), com a qual, dada a larga convivência, é: tu cá, lu lá...

- Então, que dizes tu à campanha dos ovos?

- Digo que vai ser de reventar com os ovários... se a malta entrar nela a fundo e quiserem contar, apenas, com o produto nacional!

- Se a campanha é para poupar divisas, onde é que está a dúvida?

- Pois é... Mas, se as galinhas nacionais não se agumentarem no balanço, terão que importar ovos, como no tempo anterior... Lembras-te?

- Lembro! Até havia um anúncio muito giro na Televisão...

- Pois, havia... Giro e caro, como todos.

- Isso não interessava. O que era preciso era vender ovos...

- Importados, sobretudo - porque esses é que davam "tacho"... Os nossos, esses, continuavam a ser escassos...

- E, agora?

- Também não abundam...

- Mas, no nosso País tem havido sempre tanta galinha...!

- Pois tem... Só que...

- Só que, o quê?

- Muitas, só põem ovos de caca...

- Tal como tu, que é o que me tens dado uma vida inteira...

- Inteira, inteira, não... De vez em quan-

do lá vai um dos outros. E não comesas a chatear-me e a desconversar senão ainda apanhas mais...

- Não, não - já chega... Já chega e sobra! Falemos da campanha... - É melhor, é...

- Dizias, então, que muitas...

- Põem ovos de caca e, outras - com tanta gente a comer galinha, devido aos aumentos de ordenados e salários mínimos - são comidas antes de, praticamente, começarem a pôr!

- Ah!

- Há, não! Não há - faltam as poedeiras e faltam os ovos em muitas alturas, do ano, como sabes...

- Sei... Nas quadras festivas, sobretudo...

- Isso é outro negócio...

- Escuro, claro?

- Qual claro nem qual quê. Se as galinhas até se esforçam por pôr ovos para toda a gente nessas alturas - o negócio é mais que escuro - é escuríssimo! Tão negro, tão negro que, sendo os ovos brancos, as pessoas se vêem negras para os alcançar...

- Sempre se arranjam...

- Fora das tabelas e, ainda por cima, por favor...

- Mas, isto agora vai ser diferente, de certeza!

- De certeza? Já viste?...

- Bem, não iam lançar uma campanha sem bases, sem saberem com os ovos com que podem contar, não achas?

- Acho, acho... Acho que se não começarem por af, vai dar bronca... ou importação!

- Lá estás tu...

- Lá estou eu?! Não sabes, melhor do que eu até, que continua muito arreigada cá na terra a

manha de se contar com os ovos no cu das galinhas?!

- Mas, onde é que havia de ser? No dos galos?!

- Mau... E tu a dares-lhe com a desconversa... E depois admiras-te de andares sempre enlocado...

- Pronto, não te irrites... Dizias que...?

- Que, se não o fizeram, deveriam ter recenseado as galinhas e, depois, fazerem a campanha.

- Bem...

- Bem, não! Mal, se assim não foi.

- Mas, se todas as galinhas tranalharem mais e melhor...

- E os galos, a galarem-nas... Mas, tudo tem a sua conta e, para além do possível, qualquer galinha que se esforça em demasia pode produzir, em vez de ovos, hérnias, hemorroidas, etc., etc., etc...

- E depois...?

- Depois, além de ficarmos com tudo em "carne viva", lá se vai a campanha... e até os galos ficam tramados, porque as galinhas não os deixam lá ir. Nesse caso, será o fim da campanha e, até, da espécie, pois sem galadelas não há ovos nem reprodução!

Neste ponto, decidimos acabar com a conversa, pois não valeria a pena irmos mais além. Comam, portanto, ovos - muitos ovos... Mas, vejamos lá primeiro não tenham que vir a pagá-los mais caros, não lhes façam mal ao fígado ou... não lhes caiam na fraqueza - quando o di-nheiro lhes falte para outras coisas. Lá diz a mi-

nhá galinha que: tudo tem a sua conta... E nem só de ovos se vive, acrescenta cá o vosso,

# INSTANTÂNEO DA



— Senhor presidente, peça a palavra!

— Você pede, mas eu não dou! Cale-se e abotoe-se!

— Protesto! Estou no uso dos meus direitos...

— Você daqui a bocadinho fica mas é márcero se continua a chatear a assembleia! A gente tá aqui para tratar de assuntos mais importantes do que o seu!

— Fora! Fora!  
— Mas senhor presidente, eu ainda não disse qual era o assunto!

— Nem precisa! A gente já tem assuntos a mais. Tem a palavra o senhor Silva!

— Viva o senhor Silva!  
— Fora o senhor Silva!  
— Cala a boca urso! Vai trabalhar, calão!

— Meus senhores e caríssimos colegas!  
— Eu não sou colega de vigaristas! Tá a falar pr'ô bonoco!

— Silêncio! Ordem! Calma!  
— Tá a pedir porraada!  
— Meus senhores! Nesta hora em que se afirma a crucial vivência dos determinantes mais objetivos...

— Só presidente, diga a esse gajo que fale que se entenda!

— Silêncio! O senhor Silva está no uso da palavra!

— O só Silva é fascista!  
— Fora! Abaixo o só Silva!

— Viva o só Silva! Se você não percebe é porque é burro!

— Burro era o seu pai, seu sacana!

— Ordem! Calma! O senhor Silva continua no uso da palavra!

— Mas o só Silva a usar da palavra pôde usar palavras bom mais uso! A malta não entende o que o gajo diz, é isto é uma assembleia democrática!

— Meus senhores, terei muito gosto em falar uma linguagem mais terra a terra...

— A terra é p'ra quem trabalha, não é p'ra quem fala!

— Silêncio! Ou tenho que mandar evacuar a sala!

— Quem vai evacuar p'ro só Silva sou eu!  
— Não seja ordinário!

— Até isto não é uma assembleia ordinária?

— Cale-se! O senhor Silva ainda está a usar a palavra!

— A gente já sabe o que ele quer! É a gente não vai nisso!

— Ordem! Ordem!  
— Vai dar ordens lá para p'ra tua loja! Tu aqui mandas tanto cumá gente!

— Evacuem esse homem, que está a falar do respeito à assembleia!

— Evacua uma merda! Eu tenho o direito de dizer o que quiser!

— Tem esse direito quando a presidência lo der!

— A presidência pode meter o direito no...

— Silêncio! Não se admitem obscenidades nesta assembleia!

— Peça a palavra!  
— Eu pedi primeiro!  
— Senhor presidente eu já estava inscrito!

— A palavra tem-na o senhor Silva!  
— O só Silva larga já a palavra ou leva uma carga de porraada!

— Não largo nada! Ainda não falei!

— Não tem nada que falar! Fale lá em casa com a patrão e já chega! E é se ela deixai!

— Silêncio! Não se admitem insultos pessoais!

— Eu não estou a insultar pessoalmente o só Silva!

— A mim ninguém me insulta pessoalmente!

— Porque? Só te chamam nomes pelo correio?

— Fora! Fora!  
— Senhor presidente, eu exijo uma explicação imediata!

— Eu peço ao colega que insultou o senhor Silva

o favor de se retratar para podermos os prosseguir na assembleia!

— P'ra que é que o só Silva quer o meu retrato? O gajo é maricas ou quê?

— Não seja estúpido! Retratar...

— Estúpido é você, seu sacana de merda! Eu não vim aqui para ser engatado!

— Pois não, p'ra isso tá lá a tua patrão!

— Olhe que eu parto-lhe os cornos, seu filho da puta!

— Ordem! Ordem!  
— Você tá a pedir ordem, mas esta assembleia tá é a pedir desordem!

— Meus senhores! Na presente conjuntura todos devemos...

— Devemos e não temos gaita p'ra pagar!  
— Schui! Deixe ouvir o senhor Silva!

— Todos devemos ficar muito unidos e nunca nos separarmos...

— Eu bem dizia que o gajo é maricas! A mim não se agarra ele!

— Nem a mim! Mas quem é o só Silva?

— É o gajo que tá a falar!

— Silêncio! Se continuarmos a sessão!

— É boa ideia, só presidente, e a malta vai beber um copo!

— Mas quem é o só Silva?

— Sei lá! É um gajo que gosta de dizer coisas! Não ligues!

— Vou pôr a proposta do senhor Silva a votação! Quem concordar levanta um braço!

— Concordar com quê?  
— Com o senhor Silva!  
— Eu sei lá quem é esse gajo! Nunca o vi em parte nenhuma!

— Se calhar é da pide...  
— Fora com esse sacana!

Partam-lhe os cornos! Filho da puta! Cabrão!

— Vem p'ra qui provocar a malta! Reação!

me arreou?  
— Zás! Trás! Uiiiiiii!!!

— Cava, Zé, cava!  
— É já! Deixa-me só arrear naquela sacana do só Silva que tá ali deitado!

— Merda! Quem foi que

## GIROFLÉ, GIROFLÁ!

FUI À SALA DA ASSEMBLEIA  
GIRO FLÉ, GIROFLÁ!  
ESTAVA A SALA QUASE CHEIA  
GIROFLÉ FLÉ FLÁ!

O QUE FOSTE LÁ FAZER?  
GIROFLÉ, GIROFLÁ!  
FUI POLÍTICA APRENDER!  
GIRO FLÉ FLÉ FLÁ!

O QUE FOI QUE TE ENSINARAM?  
GIROFLÉ, GIROFLÁ!  
POUCO OU NADA, SÓ GRITARAM!  
GIROFLÉ FLÉ FLÁ!

QUAIS FORAM AS DISCUSSÕES?  
GIROFLÉ, GIROFLÁ!  
SÓ OUVI FOI PALAVRÕES  
GIROFLÉ, FLÉ, FLÁ!

SENDO ASSIM A ASSEMBLEIA...  
GIROFLÉ, GIROFLÁ!  
NÃO DÁ UMA NEM DA MEIA  
GIROFLÉ, FLÉ, FLÁ!

O QUE ME FAZ CONFUSÃO  
GIROFLÉ, GIROFLÁ...  
É QUE UMA CONSTITUIÇÃO  
GIROFLÉ, FLÉ, FLÁ!

SEJA ASSIM — ISTO É QUE EU ACHO!  
GIROFLÉ, GIROFLÁ!  
O PRETEXTO PARA UM TACHO,  
GIROFLÉ, FLÉ, FLÁ!

GIROFLÉ, FLÉ, FLÁ!...

# ENTÃO COMO É!?!?...

## FÉRIAS A NÚ

Não cuidem, pelo cabeçalho, que nos vamos emiscuir nós assuntos econômicos que são das atribuições (diárias e, semanalmente, televisivas) do Doutor Pitucas Antunes. Isto, porque, além do mais, não vale a pena estarmos, também, a perder tempo com essas coisas — uma vez que, desde sempre, continua a saber-se muitíssimo bem como é... É pagar, ao preço que eles querem, e aguentar o barco conforme for possível (até, com fome...), até irmos ao fundo e darmos à costa carregadinhos de contos por pagar — quando eles fiam, evidentemente, e damos à costa vivos, porque, portos... está o problema resolvido.

Portanto, como dizemos, o assunto é diferente e pode, com efeito, ajudar-vos a passar umas ricas férias por, não dizemos pouco dinheiro mas, pelo menos, por menos que o habitual em certos cruzeiros e, com lugar garantido e sem dificuldades de inscrição — dado que, na antiga "F.N.A.T.", continuam a não caber todos e, burocraticamente como dantes, continuam a exigir-nos uma data de certificados e papéis a preencher que: uma pessoa, sobretudo com a família, acaba por desistir de se candidatar a um incerto lugar ao sol (chuva ou frio — ou, tudo junto, às vezes...) em qualquer colônia de férias! Devemos também acrescentar que: a ideia que vos apresentamos não é nossa mas, sim, de um senhor americano chamado Barry Plaxen, um sujeito altamente especializado em cruzeiros de férias "a nú". Não confundir com férias "ONU" — porque isso é outro género de férias, só para certos sujeitos que, muito bem vestidos, vão ali, vão ali, vão acolá (e até já têm vindo aqui...), sempre "à conta da jornada".

quer dizer: à conta do Zé Pantagante que, em última análise é quem, de facto, paga as quotas da organização e que, em tantíssimos casos, tem mesmo que fazer as férias a nú... por não ter dinheiro para elas nem, quase, para roupas! Mas, lá para as quotas o dinheiro

aparece — até de Bangla Desh e de outros países onde, apesar de tantas conferências e comissões comendo à tripa forra, se continua morrendo à fome! Mas, vamos adiante com a ideia das férias do "mister" Plaxen e deixemos as outras ideias (tristes) para

os jornais ditos sérios...

A ideia, aliás, é simples: a pessoa inscreve-se, escolhe o cruzeiro — ou vice-versa — arranja uma pequena maleta com umas poucas coisas indispensáveis (nada ou quase nada de roupas interiores), leva apenas um fato vestido ou

coisa mais ligeira, para se apresentar no local de embarque e a atravessar, eventualmente, as ruas de qualquer localidade não incluída no cruzeiro nudista e... mais nada. De resto, os banhos (de água ou sol), as viagens de camioneta, os passeios a pé, teatro, cinema, etc., etc., — tudo que umas férias incluem — é andar "à Pai Adão" e "à Mãe Eva"! Portanto, qualquer um pode tomar parte num destes cruzeiros, desde que não tenha vergonha de andar em pelo — e tenha dinheiro, é claro. E, aqui é que a porca (da carteira) torcerá o rabo para muita gente — pois, apesar dos salários mínimos e de todos os benefícios afins, a outra porca (da vida) está mesmo pela hora da morte... do equilíbrio financeiro (não econômico porque: opde as finanças estão baixas não pode haver economia, não é...) e nem haverá sobras para uma "volta solcia" quanto mais para cruzeiros pelo Mundo!... No entanto, como ainda haverá quem, no meio da transição ou à margem dela, seja capaz de dar um jeito no esticar das massas (nós, não — pois de há muito, andamos na estica e não sabemos já como esticá-las para o estritamente necessário...), pode ser que alguém proveite as tais férias "sem roupa" americanas. Se tal acontecer, daqui desejamos aos felizes turistas um cruzeiro em cheio. Mas, tenham cuidado com essa coisa de muita gente junta "a nú" — sobretudo nas danças — porque, vestidos, já não falta quem nos queira ir aos pagotes... E, muita cautela, também, com os encaixes e pancadas, em certos sítios, além dos cotovelos — pois que, como se sabe, há dores muito piores!...



O caso da Rádio Renascença, nunca mais se resolve. . . Assim, passará a ser, apenas (e é pena), uma "nasceença" (mais uma. . .) no capítulo patológico da cena política portuguesa. . .

Com a (democrática?) obrigatoriedade de usar cinta nos jornais a expor, cabe perguntar se eles (os jornais, claro. . .) andam assim tão gordos e anafados que tal imposição se justifique. De parceria com o aumento de franquia — é mesmo apertar com eles!

Por bem, a bem ou a mal, quando os ordenados aumentam é sempre para ficarem mais baixos!

Com os preços que as frutas estão atingindo, muita gente já terá eliminado a sobremesa (além daqueles que, praticamente, nunca a tiveram). E, quanto à "mesa" andará cada vez mais por baixo em muitos lares. Até nas saladas há restrição, pois além das alfaces e agriões estarem caríssimos, para uma pessoa se ATREVER agora a comer uma simples salada de tomates, será preciso ter muito dinheiro ou. . . tê-lo!

Decididamente, numa época em que se afirma ser o Povo quem mais ordena, é bastante estranho, paradoxal e caricato (e que mais?) que, com o (popular?) aumento de franquias e taxas postais, telegráficas e telefónicas, lhe "boicotem" praticamente o direito de contactar com a família — que ainda a tem em todas as partes do Mundo! Chama-se a isto conquistar a liberdade de falar e de perder a de escrever, telefonar e enviar telegramas! Neste capítulo, os C.T.T. (com tais taxas) são, de facto, quem mais ordena. O resto é cantiga nasal. . .

Continuam os roubos de automóveis. Com a gasolina cara, o aumento do imposto, de peças e de mão-de-obra, até dá a impressão que os gatinhos são estúpidos! Mas, se calhar não são e lá sabem o que fazem. . . Quem fica sem eles (os carros, não os gatinhos, porque destes ninguém se livra e cada vez há mais. . .) é que fica sem saber que faça que melhor seja!

ARIM

## A ROMANZA DA GAIVOTA

cont. da pág. 5

EL-REI

— Entraide meu jovem poeta! E cantai-de-nos essa nova endecha que a todos nos traz encantados. . . Essa canção que todos apreciam. . .

TROVADOR

— Muita honra me fazeides, meu senhor. Só lamento não ter trazido a banda. . .

EL-REI

— Cantai-de mesmo a seco. Fazeide o que se chama agora um canto livre. . .

TROVADOR

— Escutai-de então:

Uma gaivota voava voava. . .  
Junto das grades daquela masmorra. . .  
Guardas coçavam a pinha e diziam  
Isto é uma gaita! Isto é uma porra!  
Já estão livres, já estão livres  
E agora vão-nos lixar!

EL-REI

— Trovador, por certo vos haveideis enganado nas trovas! Essa romanza não era assim. . .

TROVADOR

— Não era, mas é agora! Ou tendes dúvidas?



## ANEDOTAS QUE NOS CONTAM

Sem mais preâmbulos desta feita, vamos contar-vos mais duas anedotas.

Quatro rapazes que se tornaram amigos nas vicissitudes da maldadada guerra colonial e tiveram a sorte de voltar ao continente — vivos, porque muitos tiveram a pouca sorte (aliás, nenhuma. . .) de voltarem mortos — decidiram que, cada um por si, nas suas terras, beberia diariamente um copo de vinho à saúde dos outros três, além do que beberiam à sua.

Assim, cada um por si se deu ao nobre cumprimento da honrosa (e saborosa) missão. No primeiro dia os adegueiros admiraram-se dos quatro copos mas, explicado o acordo, acharam piada e, dali em diante, mal os rapazes apareciam à porta, logo "estendiam" os quatro copos em cima do balcão. Até que, um dia, um dos rapazes, mal o adegueiro pôs os "quatro em linha" e se preparava

para os encher, lhe fez sinal que enchesse só três. . . E o homem, muito naturalmente, perguntou: — "Morreu algum?"

— Ao que o rapaz respondeu:

— "Não! Fui eu que deixei de beber!"

A outra passa-se com um japonês que foi ao médico porque sentia qualquer coisa no "fim do intestino grosso". Ora, ao que se diz (não temos a certeza nem conhecimento de causa. . .), os japoneses serão redondamente avessos à homossexualidade. Assim, quan-

do o médico ao examiná-lo lhe disse:

— "Pois é, o senhor tem qualquer coisa aqui na entrada. . ." o japonês corrigiu logo: — "Na entrada não, senhor doutor. . . Na saída — que aí não entra nada!"

E com esta nos despedimos. . . Se a "dose" não lhes deu para rirem, sorriam ao menos. . . para nos fazerem jeito. Que diabo, há tanto quem faça isso quando lhes contam anedotas sem piada nenhuma! . . .

ARIM



A nossa Redacção chegam todos os dias muitas coisas, entre elas várias perguntas. Aqui vão elas e deixamos as respostas ao critério dos nossos prezados leitores.

Aquela decisão do Sindicato dos Treinadores, vetando a actuação de quaisquer treinadores estrangeiros no nosso país, além de não ser nada arbitrária e antidemocrática, é muito feliz e desportiva, não é?

O. Da Bola

Se dizem que eu é que mais ordeno, porque é que certos sujeitos são tão renitentes e mostram tanta má vontade em cumprir as minhas decisões?

Zé P.OVO

Estará certo que alguns me chamem parvo, estúpido, brouco e pouco esclarecido — e outras coisas mais — só por não lhes ter dado o meu voto?

O. M. Esmo

O que é que define os homens (e as mulheres), as acções ou as filiações?

A. Partidário

Só os fascistas é que são prepotentes, etc., etc., etc.

A. Vista

Se congelarmos os preços depois de deixarmos os géneros aumentar até aos pincaros e para lá deles, a medida serve-me de alguma coisa?

Dona de Casa

PÁG. 15

# SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 5624-11/10 LINHAS



A MAIS  
FÁBULOSA  
GAMA DE  
APARELHAGENS  
ELECTRODOMÉ-  
STICA E DE  
SOM  
ESTEREOFÓNICO  
DAS MAIS  
FÁBULOSAS  
E  
ACREDITADAS  
MARCAS  
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
"EPEDA" E "DELTALOC"